



AÇÕES FORMATIVAS NA PERSPECTIVA DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS EM ESCOLAS DO CAMPO

Autora: Rosiane Souza Santos
Orientadora: Dr^a. Idalina Souza Mascarenhas Borghi



FEIRA DE SANTANA, BAHIA

2023

AÇÕES FORMATIVAS NA PERSPECTIVA DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS EM ESCOLAS DO CAMPO

Rosiane Souza Santos

Orientador(a): Prof^(a) Dr^(a) Idalina Souza Mascarenhas Borghi

FEIRA DE SANTANA, BAHIA

2023

S237a Santos, Rosiane Souza

Ações formativas na perspectiva das relações étnico raciais em escolas do campo. / Rosiane Souza Santos. -- Feira de Santana, 2023. 32 f.: il.

Orientador: Profa. Dra. Idalina Souza Mascarenhas Borghi.
Produto Educacional (Mestrado Profissional) - Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Centro de Ciência e Tecnologia em Energia e Sustentabilidade. Programa de Pós-Graduação em Educação Científica, Inclusão e Diversidade.

1. Relações raciais. 2. Educação do campo. 3. Educação de jovens e adultos. 4. Professores - Formação. I. Borghi, Idalina Souza Mascarenhas. II. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. III. Título.

CDD - 370.19342

FICHA TÉCNICA DO PRODUTO

- **Título:** Ações formativas na perspectiva das relações étnico-raciais em escolas do campo
- **Origem do Produto:** Trabalho de Conclusão de Curso do PPGEICID.
- **Nível de Ensino a que se destina o produto:** Ensino Medio-Educação de Jovens e Adultos
- **Área do Conhecimento:** Ciências Humanas
- **Público Alvo:** Professores
- **Categoria deste Produto:** Trata-se de uma atividade de ensino
- **Finalidade:** Formação
- **Organização do Produto:** Ações formativas
- **Registro do Produto:** Biblioteca do CETENS.
- **Avaliação do Produto:** (O produto foi aplicado e submetido a avaliação dos professores e da banca examinadora)
- **Disponibilidade:** Irrestrita, mantendo-se o respeito à autoria do produto, não sendo permitido uso comercial à terceiros.
- **Divulgação:** meio digital e/ou outros
- **Apoio Financeiro:** Não houve financiamento, nem apoio de alguma agência de foemto e nem bolsa durante a produção do produto
- **URL:** (Produto acessível no site do PPGEICID, gratuitamente).
- **Idioma:** Português
- **Cidade/Estado:** Feira de Santana (BA)
- **País:** Brasil
- **Ano:** 2023

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	4
AÇÕES FORMATIVAS NA PERSPECTIVA DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS EM ESCOLAS DO CAMPO	13
1. PRIMEIRO CÍRCULO EPISTEMOLÓGICO.....	13
A EJA Campo.....	13
2. SEGUNDO CÍRCULO EPISTEMOLÓGICO	14
A ERER na EJA Campo	14
3. TERCEIRO CÍRCULO EPISTEMOLÓGICO.....	16
Formação continuada para ERER na EJA Campo	16
DESDOBRAMENTO DA PRIMEIRA AÇÃO FORMAÇÃO (CÍRCULOS DE DIÁLOGOS FORMATIVOS)	18
1. PRIMEIRO CÍRCULO DE DIÁLOGO FORMATIVO.....	18
Educação do Campo: conhecendo nossa realidade.....	18
2. SEGUNDO CÍRCULO DE DIÁLOGO FORMATIVO	19
O papel da escola do campo na construção de uma identidade étnico-racial positiva	19
3. TERCEIRO CÍRCULO FORMATIVO.....	21
Um pouco de história da África que não conhecemos e o Campo.....	21
4. QUARTO CÍRCULO FORMATIVO	23
Desigualdades entre negros e brancos e políticas de reparação das desigualdades na EJA Campo	23
5. QUINTO CÍRCULO FORMATIVO.....	25
Construção de oficinas sobre ERER na EJA Campo, voltadas para os diferentes componentes curriculares.	25
REFERÊNCIAS	30

APRESENTAÇÃO

As ações formativas que constituem este Produto Educacional foram realizadas durante a pesquisa formativa, realizada no mestrado profissional vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação Científica, Inclusão e Diversidade – PPGECID/ UFRB, intitulada “Formação continuada de educadores da EJA Campo: ações formativas na perspectiva das relações étnico-raciais em uma escola do campo”, que foi realizada em uma instituição pública estadual, localizada na zona rural de um município pertencente ao território de identidade do Vale do Jiquiriçá/BA.

Essas ações formativas ocorreram por meio dos Círculos Epistemológicos, dispositivo metodológico baseado nos círculos de cultura freireanos, permitindo a interação e a formação dos participantes da pesquisa. Segundo Romão *et al.* (2006), os Círculos Epistemológicos são organizados por grupos, com foco na interação, voltados ao círculo de cultura como metodologia de pesquisa, já que se considera que os seres são inacabados, inconclusos e incompletos.

Nos Círculos Epistemológicos, o pesquisando dá lugar ao sujeito da pesquisa. “Neste sentido, preserva o princípio freiriano de que todos, no Círculo, pesquisadores e pesquisandos são sujeitos da pesquisa que, enquanto pesquisam, são pesquisados, e, enquanto são investigados, investigam” (Romão *et al.*, 2006, p. 176), e constroem um conhecimento coletivo acerca de determinado tema.

Nesses círculos, ocorreu o diálogo acerca de três eixos temáticos: **1º Eixo: EJA Campo; 2º Eixo: ERER¹ na EJA Campo; 3º Eixo: Formação continuada para ERER na EJA Campo.** Todas as discussões contribuíram para identificar lacunas e itinerários possíveis na formação dos professores, no tocante à Educação das Relações Étnico-Raciais (ERER) e possibilitou ampliar as ações formativas por meio de proposta construída com os professores a partir da primeira ação de pesquisa formativa (apresentada a seguir como desdobramento da primeira ação). Tal proposta corresponde a uma construção coletiva dos temas a serem abordados e denominamos como *círculos de diálogo formativos*, principalmente o último eixo, no qual os professores enfatizaram quais temas consideravam importantes para continuidade da formação para a ERER na EJA Campo.

¹ Educação das Relações Étnico-Raciais.

Alguns relatos dos educadores que participaram da pesquisa reforçam a necessidade das ações formativas para EREER no contexto da EJA Campo, a exemplo do professor Luís Gama² (2023) que, ao falar dos desafios para trabalhar a EREER em sala de aula, narra que “[...] é algo que também é desconhecido nosso, é algo que é muito de falar, mas a experiência no chão e tal a gente também não tem nada, eles fazem umas perguntas muito doidas para a gente, que a gente fica mais perdido, do que ele, entendeu?” (Luís Gama, 2023). Mediante o exposto, percebemos que é imprescindível a formação de professores para EREER no contexto em que aconteceu a pesquisa.

Para a construção deste Produto Educacional, partimos da concepção de formação em serviço na perspectiva de Nóvoa (2012), que reconhece a necessidade de uma formação de professores em serviço, começando dentro da profissão e na coletividade, apontando que as propostas formativas só fazem sentido se forem construídas dentro da profissão.

Nessa perspectiva, as ações formativas de professores da EJA Campo foram aplicadas buscando viabilizar uma formação continuada em que os professores realizassem reflexões sobre o seu próprio trabalho. Por isso, nesta pesquisa formativa valorizou-se o conhecimento docente, percebendo-se que os professores ressignificam o conhecimento no próprio ato pedagógico, ao mesmo tempo em que é construída uma reflexão sobre a prática. Desta forma, enfatizamos que “[...] é no coração da profissão, no ensino e no trabalho escolar, que devemos centrar o nosso esforço de renovação da formação de professores” (Nóvoa, 2012, p. 16).

Nóvoa (2012) tece considerações a respeito de uma formação de professores, na qual os docentes sejam protagonistas, compreendendo que as propostas teóricas só fazem sentido se forem construídas dentro da profissão, contemplando a necessidade do professor.

Nessa perspectiva, as ações formativas foram realizadas na coletividade, tomando como foco três eixos propostos, que foram sistematizados a partir dos objetivos da pesquisa. Após a sistematização dos eixos, foram escolhidos os dispositivos textuais para a formação, sendo estes: uma charge intitulada “a máfia do latifúndio”, para suscitar o diálogo acerca da concepção dos educadores sobre a EJA Campo; um trecho da obra *Quarto de despejo* para refletir acerca dos desafios para trabalhar a EREER na EJA Campo; e por fim o poema “Vozes Mulheres” de

² Nome fictício de um dos 11 professores que participaram da pesquisa e do Produto Educacional.

Conceição Evaristo, pensando a formação para EREER na EJA Campo que temos e a que queremos. No quadro a seguir, apresentamos o roteiro descritivo dos Círculos Epistemológicos.

Quadro 1 - Roteiro dos Círculos Epistemológicos

DATA	TEMÁTICA A SER TRABALHADA	ATIVIDADE
XX/YY	EJA CAMPO	A Análise da charge sobre reforma agrária e diálogo sobre as concepções dos educadores sobre EJA Campo.
XX/YY	ERER na EJA CAMPO	Leitura do trecho de <i>Quarto de despejo</i> e discussões sobre os desafios e as possibilidades para se trabalhar a EREER na EJA Campo.
XX/YY	Formação continuada para EREER na EJA Campo	Reflexões sobre a formação continuada e leitura do poema de Conceição Evaristo "Vozes-mulheres" para finalizar o diálogo.

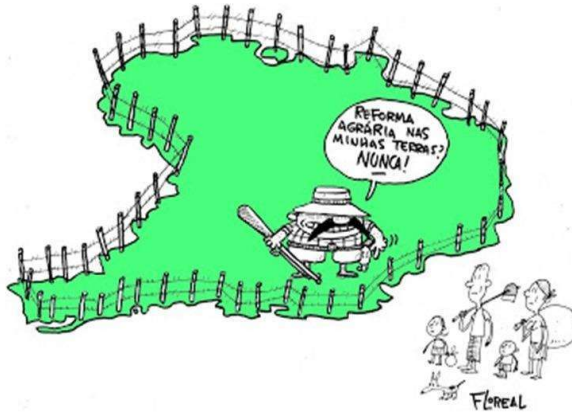
Fonte: Autora.

As ações formativas foram organizadas em três encontros de 4 horas, porém, por uma necessidade do coletivo dos professores da instituição, foram realizadas em nove encontros por área do conhecimento, sendo estas: Linguagens, Códigos e suas tecnologias; Ciências Humanas e Sociais Aplicadas; Ciências da Natureza e suas Tecnologias; e Matemática e suas Tecnologias.

Participaram das ações formativas onze professores. É importante pontuar que os recursos pedagógicos utilizados foram selecionados para esta ação formativa levando-se em consideração o campo da pesquisa e os interesses dos educadores que participaram do estudo. Portanto, a ideia não é apresentar uma receita pronta, mas caminhos para diálogos formativos com a EREER na EJA Campo. Dessa forma, podem ser utilizados outros textos, levando em consideração outros contextos. O importante é não perder a dimensão da interação e do compartilhamento de saberes, dimensões fundantes na concretização desta formação.

Para o primeiro eixo, a *EJA Campo*, inicialmente, foi organizado um círculo para o diálogo e depois projetada a charge a *máfia do latifúndio*, conforme Figura 1. Para suscitar o diálogo, foram utilizadas duas questões problematizadoras, sendo estas: o que vocês veem na imagem? Vocês conseguem fazer alguma relação entre a charge e a EJA Campo?

Figura 1: A máfia do latifúndio



Fonte: <https://pcb.org.br/porta12/17545>.

O segundo eixo, *ERER na EJA Campo*, iniciou-se com a leitura do trecho da obra *Quarto de despejo*, que nos diz:

“13 de Maio. Hoje amanheceu chovendo. É um dia simpático para mim. É o dia da Abolição. Dia que comemoramos a libertação dos escravos.

...Nas prisões os negros eram os bodes expiatórios. Mas os brancos agora são mais cultos. E não nos trata com desprezo. Que Deus ilumine os brancos para que os pretos sejam feliz.

Continua chovendo. E eu tenho só feijão e sal. A chuva está forte. Mesmo assim, mandei os meninos para a escola. Estou escrevendo até passar a chuva, para eu ir lá no senhor Manuel vender os ferros. Com o dinheiro dos ferros vou comprar arroz e linguiça. A chuva passou um pouco. Vou sair. ...Eu tenho tanta dó dos meus filhos. Quando eles vê as coisas de comer eles brada:

– Viva a mamãe!

A manifestação agrada-me. Mas eu já perdi o hábito de sorrir. Dez minutos depois eles querem mais comida. Eu mandei o João pedir um pouquinho de gordura a Dona Ida. Ela não tinha. Mande-i-lhe um bilhete assim:

– “Dona Ida peço-te se pode me arranjar um pouco de gordura, para eu fazer uma sopa para os meninos. Hoje choveu e eu não pude catar papel. Agradeço, Carolina”.

...Choveu, esfriou. É o inverno que chega. E no inverno a gente come mais. A Vera começou pedir comida. E eu não tinha. Era a reprise do espetáculo. Eu estava com dois cruzeiros. Pretendia comprar um pouco de farinha para fazer um virado. Fui pedir um pouco de banha a Dona Alice. Ela deu-me a banha e arroz. Era 9 horas da noite quando comemos.

E assim no dia 13 de maio de 1958 eu lutava contra a escravatura atual – a fome!”.

A partir da leitura, os professores foram relatando suas impressões acerca do relato de Carolina de Jesus e estas giraram em torno da desigualdade que historicamente foi construída entre negros e brancos a partir da escravização, e que isso estava presente em 1958 e também nos dias atuais.

Percebemos que a população negra resiste às formas de opressão até os dias atuais e que já houve muitas conquistas no campo legal, mas que ainda precisam efetivar-se no cotidiano social. Dessa forma, concordamos com Saraiva (2015), que nos diz que “nas savanas africanas, vive a árvore de maior longevidade do planeta. O baobá africano, que pode chegar a mais de mil anos de idade, simboliza a resistência dos povos da África” (Saraiva, 2015, p. 18). Esse fato nos remete a pensar a luta da população negra por seus direitos.

Foi em meio a esse diálogo que os professores apresentaram o que entendiam por Educação das Relações Étnico-Raciais e foi notável que eles consideravam a EREER como uma forma de conhecer nossa história a partir da África e uma maneira de reparar os preconceitos vividos historicamente pela população negra, bem como a possibilidade de trabalhar as diferenças de raça e etnia e colaborar para a desconstrução de preconceitos.

Os educadores sinalizaram os desafios para trabalhar a EREER na EJA Campo, sendo estes: a falta de planejamento para incluir a EREER na sala de aula; e a autoaceitação do estudante enquanto negro. Vale ressaltar que esse fato parte da ideia equivocada de que há um padrão que é considerado belo e bom e esse padrão é o branco, por isso muitos estudantes querem se aproximar do padrão branco, apagando suas raízes africanas e essa discussão precisa ser realizada na EJA Campo para colaborar com a construção de uma identidade étnico-racial positiva. Também foi apontado enquanto dificuldade o trabalho com a religião de matriz africana; falta de conhecimento sobre a EREER por parte dos estudantes.

Enquanto caminhos possíveis para o trabalho com a EREER na EJA Campo, os educadores pontuaram trabalhar com a cultura africana relacionando com o campo, como, por exemplo, as ervas medicinais. As ervas medicinais fazem parte de um conjunto de saberes ancestrais dos povos africanos e que são preservados nas comunidades camponesas.

Por isso, ressaltamos que conhecer a história da África oportuniza compreender que os africanos possuem uma grande relação com a agricultura e

com a natureza, principalmente quando estudamos os reinos africanos que viviam da agricultura e produziam uma variedade de culturas como milho, arroz, sorgo e leguminosas. Alguns reinos desenvolveram técnicas agrícolas avançadas que possibilitaram a comercialização de alimentos agrícolas, fortalecendo a economia e o desenvolvimento de alguns reinos como, por exemplo, o Kôngo.

Outro caminho considerado são as tentativas de fazer um trabalho com a EREER na EJA Campo, não só trabalhando durante o mês de novembro e na semana da consciência negra. Também os professores destacam como ponto positivo a maturidade das turmas da EJA e as experiências que eles trazem para a sala de aula que colaboram com a discussão da presente temática, perpassando o dia a dia do educando.

No terceiro eixo, iniciamos com algumas questões problematizadoras: Você já fez alguma formação continuada para EREER? Quais temas você considera relevantes para uma formação continuada na perspectiva das relações étnico-raciais?

Mediante o diálogo, apenas três professores têm formação continuada para a Educação das Relações Étnico-Raciais e, em relação ao tema, sinalizaram ser importante um estudo aprofundado do continente africano antes da colonização e isso nos remete a pensar uma história da África que não é contada, pois apenas conhecemos aquela que foi escrita pelo Colonizador.

É muito perigoso acreditar e disseminar apenas uma visão dos fatos, e aqui tratamos da visão do europeu. Nesse sentido, Chimamanda Adichie nos adverte sobre o perigo de uma única história. E acrescentamos que ainda persiste em muitos espaços educacionais a reprodução de uma única história da África e seus moradores, a qual, por ser tão negativa e pejorativa, faz com que negros e negras não se identifiquem e optem por se aproximar de um perfil branco, e essa é uma consequência do racismo perpetuado em nossa sociedade. Por isso, precisamos nos informar sobre o racismo e conhecer as características deste no Brasil, que tem suas peculiaridades (Ribeiro, 2019).

Consideramos a EJA Campo enquanto um lugar de luta e da afirmação da identidade negra e camponesa. É por isso que a EJA, para Gomes (2011), muitas vezes, torna-se o único espaço para o educando ter acesso às discussões referentes à Educação das Relações Étnico-Raciais, e nós como professores

precisamos mediar esse processo para colaborar na construção da identidade e do empoderamento do estudante negro camponês.

Outros temas citados pelos docentes foram a cultura africana; a identidade negra; direitos da população negra; jogos matemáticos africanos; evolução humana e genética humana relacionada com a EREER e a representação do negro na sociedade. E para finalizar este eixo, realizamos a leitura do poema *Vozes mulheres* de Conceição Evaristo, remetendo à ancestralidade. Segue abaixo o poema utilizado:

*A voz de minha bisavó ecoou
criança nos porões do navio.*

*Ecoou lamentos
de uma infância perdida.*

*A voz de minha avó
ecoou obediência
aos brancos-donos de tudo.*

*A voz de minha mãe
ecoou baixinho revolta
no fundo das cozinhas alheias
debaixo das trouxas
roupagens sujas dos brancos
pelo caminho empoeirado*

rumo à favela

*A minha voz ainda
ecoava versos perplexos
com rimas de sangue
e fome.*

*A voz de minha filha
recolhe todas as nossas vozes
recolhe em si*

*as vozes mudas caladas
engasgadas nas gargantas.*

*A voz de minha filha
recolhe em si
a fala e o ato.*

*O ontem – o hoje – o agora.
Na voz de minha filha
se fará ouvir a ressonância,
o eco da vida-liberdade.*

Pensar a luta da população negra contra o racismo na sociedade reporta a uma luta ancestral que vem desde os porões dos navios negreiros, como nos diz Conceição Evaristo, a voz da bisavó ecoou criança nos porões dos navios, a voz da avó ecoou obediência aos brancos-donos de tudo, a voz da mãe ecoou revolta no fundo das cozinhas alheias e na voz da filha se fará ouvir a ressonância, o eco da vida-liberdade.

Percebemos que a luta das pessoas negras não foi em vão e já tivemos muitas conquistas, mas precisamos avançar. Refletindo esta luta ancestral que nos apresenta Conceição Evaristo, é que pensamos que a formação que temos para a Educação das Relações Étnico-Raciais na EJA Campo ainda é escassa, mas queremos que haja mais formações no chão da escola e a formação que queremos é aquela que nos represente. Por isso, a partir dessas ações formativas realizadas com professores da EJA Campo, vamos ampliar através dos Círculos de Diálogos Formativos apresentados a seguir.

I. Educação do Campo: Conhecendo nossa realidade;

II. O papel da escola do campo na construção de uma identidade étnico-racial positiva;

III. Um pouco de História: a África que não conhecemos e o Campo;

IV. Desigualdades entre negros e brancos e políticas de reparação das desigualdades na EJA Campo;

V. Construção de oficinas voltadas para os diferentes componentes curriculares com a ERER na EJA Campo.

Ao final de cada círculo de diálogo formativo, há uma atividade a ser realizada com os estudantes, pensando assim o movimento da práxis transformadora, considerando que esta é reflexão e ação dos homens sobre o mundo para transformá-lo. Nesse movimento de ação-reflexão-ação, Freire (2011) discute que ensinar exige reflexão sobre a prática e acrescenta que: “estou convencido, porém, é legítimo acrescentar, da importância de uma reflexão como esta quando penso a formação docente e a prática educativo-crítica” (Freire, 2011, p. 16).

Portanto, nessa formação continuada, os professores estudam uma temática, realizam a ação em sala de aula e refletem sobre ela nos círculos e podem realizar novamente uma outra atividade de outro tema, repetindo o processo. Dessa forma, a formação alcança educandos, através dos educadores os quais ressignificam também o novo conhecimento adquirido e, assim, vamos contribuindo para uma sociedade antirracista e para a construção de uma identidade positiva acerca do campo e da África. Cada tema trabalhado nessa formação terá duração total de 08 horas de atividade, divididas em dois encontros de 04 horas, totalizando ao final dos 10 encontros, uma carga horária de 40 horas de formação.

AÇÕES FORMATIVAS NA PERSPECTIVA DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS EM ESCOLAS DO CAMPO

Consideramos neste trabalho a EJA Campo como uma modalidade com a função de reparação de uma dívida histórica de negação ao direito à educação, principalmente das populações negras e camponesas. Por isso, é preciso rever os tempos e espaços que têm constituído o dia a dia das escolas do campo, e tratá-las como um ambiente educativo com diversas atividades voltadas a múltiplas dimensões da formação da pessoa humana, com um currículo que contemple a relação do homem com o trabalho na terra (Fernandes; Cerioli; Caldart, 2020). Nessa perspectiva, foram realizadas as ações formativas por meio dos círculos Epistemológicos que podem ser realizados em outro contexto. Dessa forma, veja o que realizamos:

1. PRIMEIRO CÍRCULO EPISTEMOLÓGICO

A EJA Campo

A Educação de Jovens e Adultos no campo é formada por trabalhadores e trabalhadoras camponeses e por isso o seu currículo deve atender aos interesses dos camponeses e das suas vivências diárias. Mediante isto, pensar o planejamento para a EJA Campo requer refletir acerca da luta pela terra, já que, conforme Caldart (2019), a Educação do Campo nasce atrelada à luta pela terra.

A luta pela terra implica aos trabalhadores rurais muitos conflitos enfrentados no Campo. Isso acontece mediante a negação pelo estado ao acesso estável a terra. Conforme nos aponta o caderno da Comissão Pastoral da Terra de 2023, os conflitos pela terra têm aumentado e se dão por falta de políticas de ordenamento fundiário e da reforma agrária. A Reforma Agrária é programa de governo que busca a democratização da terra, garantindo a sua distribuição a todos que querem fazê-la produzir e dela usufruir (Stedile, 2012).

Reiteramos a necessidade de um currículo que atenda os sujeitos do campo nas suas especificidades, pois a educação precisa respeitar a pluralidade dos sujeitos da Educação do Campo. Por isso, para Caldart (2020), a Educação do Campo é composta de ribeirinhos, quilombolas, povos da floresta, agricultores que

lutam pela terra e possuem uma relação forte com a agroecologia, sendo esta o oposto da lógica capital de produção de alimentos onde há a destruição dos recursos naturais. Dessa forma, a Educação do Campo está atrelada à produção agrícola com o cuidado com a terra e o respeito pela natureza, viabilizando uma educação para a criticidade dos sujeitos que fazem parte do campo.

ORGANIZAÇÃO DO CÍRCULO FORMATIVO		
TOTAL DE ENCONTROS: 1		
TOTAL DE HORAS: 4 HORAS		
OBJETIVO:		
Refletir acerca da Educação de Jovens e Adultos no campo atentando-se para o planejamento nessa modalidade.		
ABRINDO A RODA:		
1º momento: Organizar o círculo de diálogo;		
2º momento: Analisar a Charge “a máfia do latifúndio”;		
3º momento: Diálogo coletivo acerca da Charge e do planejamento na EJA Campo.		
TEXTO	REFERÊNCIAS	QUESTÕES PROBLEMATIZADORAS
A máfia do Latifúndio	Charge: A máfia do latifúndio . Exploração e morte no campo brasileiro. Disponível em: https://pcb.org.br/portal2/17545 . Acesso: 30 dez. 2023	O que vocês veem na imagem? Vocês conseguem fazer alguma relação entre a charge e a EJA Campo?
LEITURAS COMPLEMENTARES:		
ARROYO, Miguel González. Educação de jovens-adultos: um campo de direitos e de responsabilidade pública. Diálogos na educação de jovens e adultos. Autêntica , v. 296, p. 19-50, 2005.		
CENTRO de Documentação Dom Tomás Baldino. Conflitos no Campo : Brasil 2022. Goiânia: CPT Nacional, 2023		
STEDILE, João Pedro. Reforma agrária. In: Dicionário da Educação do Campo . CALDART, Roseli Salete; PEREIRA, Isabel Brasil; ALENTEJANO, Paulo; FRIGOTTO, Gaudêncio (Orgs.). São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012, p. 659-668		
VÍDEO COMPLEMENTAR:		
GEPEMDECC – UESB. 2º Encontro - Frente de Trabalho : Educação de Jovens e Adultos no/do Campo. Youtube. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=vMaWY4OaKmo . Acesso: 29 dez. 2023.		

2. SEGUNDO CÍRCULO EPISTEMOLÓGICO

A ERER na EJA Campo

Reconhecemos a EJA Campo enquanto espaço privilegiado para o trabalho com a Educação das Relações Étnico-Raciais, principalmente pela forte relação da África com o campo e por a maioria dos educandos da EJA Campo serem negros, sendo que os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de

2018, ao considerarem o campo e a cidade, mostram que a taxa de analfabetismo de pessoas brancas corresponde a 3,1% para habitantes da zona urbana, e 6,8% para pessoas brancas residentes na zona rural; por outro lado, quando consideram-se pessoas pretas ou pardas, o número de pessoas não alfabetizadas é de 6,8% para pessoas que vivem na cidade, e 20,7% para habitantes da zona rural. Percebemos, portanto, que há uma grande dicotomia no nível de escolarização entre brancos e negros e essa realidade se agrava no campo.

Para tanto, os educandos precisam se sentir representados no contexto da EJA Campo e isso só vai acontecer com a descolonização do currículo e reconhecendo que as estruturas sociais em nosso país são racistas, nesse sentido, Gomes nos diz que uma melhor compreensão sobre o que é o racismo e seus desdobramentos poderia ser um dos caminhos para se pensar estratégias de combate ao racismo na educação (Gomes, 2005, p. 148).

Pensar uma educação antirracista requer refletir a desigualdade existente entre negros e brancos no país que é apresentada por Jesus (2014) na obra *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*, e a conhecendo, podemos traçar estratégias de trabalho com a Educação das Relações Étnico-Raciais na EJA Campo. Há muitos desafios para a concretização do ensino de história e cultura Africana e Afro-brasileira nesse contexto, mas também existem muitas possibilidades como por exemplo os conhecimentos ancestrais africanos que se mantêm vivos nas comunidades camponesas.

ORGANIZAÇÃO DO CÍRCULO FORMATIVO		
TOTAL DE ENCONTROS: 1		
TOTAL DE HORAS: 4 HORAS		
OBJETIVO:		
Identificar os desafios e as possibilidades para trabalhar a Educação das relações Étnico- Raciais na EJA Campo.		
ABRINDO A RODA:		
<p>1º momento: Organizar o círculo de diálogo;</p> <p>2º momento: Realizar a leitura de um trecho do livro <i>Quarto de despejo: diário de uma favelada</i>;</p> <p>3º momento: Diálogo coletivo acerca do texto, refletindo acerca do trabalho com a EJA CAMPO.</p>		
TEXTO	REFERÊNCIAS	QUESTÕES PROBLEMATIZADORAS
Quarto de despejo: Diário de uma favelada	JESUS, Carolina Maria de. Quarto de despejo: diário de uma favelada. 10. ed. São Paulo: Ática, 2014.	<p>O que é educação das relações étnico-raciais para você?</p> <p>Quais os desafios para trabalhar a educação das relações étnico-raciais na EJA Campo?</p> <p>Como vocês trabalham a EJA?</p>

		Quais as possibilidades para o trabalho com a educação das relações étnico-raciais na EJA Campo?
<p style="text-align: center;">LEITURAS COMPLEMENTARES:</p> <p>GOMES, Nilma Lino. Educação cidadã, etnia e raça: o trato pedagógico da diversidade. <i>In</i>: Cavalleiro, Eliane (Orgs.). Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa escola. São Paulo: Selo negro, 2001. p. 83-96.</p> <p>_____. Educação e Relações Raciais: Refletindo sobre Algumas Estratégias de atuação. <i>In</i>: Brasil. Superando o Racismo na escola. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. p. 143-154.</p> <p>_____. Educação de Jovens e Adultos e questão racial: algumas reflexões iniciais. <i>In</i>: SOARES, Leônico; CASTRO, Maria Amélia Gomes de; GIOVANETTI, Nilma Lino Gomes (orgs.). Diálogos na Educação de Jovens e Adultos. Belo Horizonte: Autêntica, 2011. p. 87-104.</p>		
<p style="text-align: center;">VÍDEO COMPLEMENTAR:</p> <p>AFRONTA! Marxismo em Movimento. Roda Viva: Educação Antirracista, com a profª Nilma Lino Gomes. Youtube. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=iWmJvg8V4iM. Acesso: 29 dez. 2023.</p>		

3. TERCEIRO CÍRCULO EPISTEMOLÓGICO

Formação continuada para EREER na EJA Campo

Compreendemos a formação continuada enquanto propulsora de um trabalho a ser realizado com a EREER na EJA Campo. Os docentes precisam conhecer a EREER para trabalhar em sala de aula. Portanto, é necessário se pensar uma formação continuada que seja atrativa aos educadores e que traga temas pertinentes para a sua realidade, entendendo a Lei nº 10.639/03 enquanto “uma mudança cultural e política no campo curricular e epistemológico – poderá romper com o silêncio e desvelar esse e outros rituais pedagógicos a favor da discriminação racial” (GOMES, 2012, p. 105).

Cabe salientar que as estruturas sociais são racistas (Almeida, 2019) e que precisamos mudar esse paradigma e um dos caminhos é a Educação e nesse estudo enfatizamos a importância da EJA Campo enquanto espaço propício para a construção de uma educação não racista, que futuramente refletirá em uma sociedade não racista. Nesse cenário de romper com o silêncio, optamos por trabalhar com o poema *Vozes Mulheres* de Conceição Evaristo, este nos remete ao legado da luta do povo negro, em especial das mulheres negras, e nesse rol a formação continuada para EREER faz parte das lutas do movimento negro.

ORGANIZAÇÃO DO CÍRCULO FORMATIVO		
TOTAL DE ENCONTROS: 1		
TOTAL DE HORAS: 4 HORAS		
OBJETIVO:		
Refletir acerca da importância da formação continuada para ERER na EJA Campo, pensando novas possibilidades de formação.		
ABRINDO A RODA:		
<p>1º momento: Organizar o círculo de diálogo;</p> <p>2º momento: Utilizar algumas questões problematizadoras para iniciar o diálogo;</p> <p>3º momento: Realizar leitura do Poema “vozes mulheres”;</p> <p>4º momento: Reflexão acerca do poema relacionando com a formação continuada para ERER que temos e a que queremos.</p>		
TEXTO	REFERÊNCIAS	QUESTÕES PROBLEMATIZADORAS
Vozes mulheres	EVARISTO, Conceição. Poemas da recordação e outros movimentos . 3. ed. Rio de Janeiro: Malê, 2017.	<p>Você já fez alguma formação continuada para a educação das relações étnico-raciais?</p> <p>Quais temas você considera relevantes para uma formação continuada na perspectiva das relações étnico-raciais?</p>
LEITURAS COMPLEMENTARES:		
<p>GOMES, Nilma Lino. Relações étnico-raciais, educação e descolonização dos currículos. Currículo Sem Fronteiras, v. 12, n. 1, p. 98-109, 2012.</p> <p>SIQUEIRA, Yamília de Paula; DIAS, Ione Aparecida Duarte Santos; AMORIM, Cleyde Rodrigues. Formação em Educação das Relações Étnico-Raciais: dialogando sobre práticas educativas. Revista Eletrônica Pesquiseduca. Santos, vol. 12, n. 28, p. 628-647, 2020</p>		
VÍDEO COMPLEMENTAR:		
<p>ABPN. Educação das Relações Étnico-raciais: da formação docente às práticas e produções de recursos pedagógicos. Youtube. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ZZxh-dQbSLs. Acesso: 29 dez. 2023.</p>		

DESDOBRAMENTO DA PRIMEIRA AÇÃO FORMAÇÃO (CÍRCULOS DE DIÁLOGOS FORMATIVOS)

1. PRIMEIRO CÍRCULO DE DIÁLOGO FORMATIVO

Educação do Campo: conhecendo nossa realidade

Reduzir a Educação do Campo apenas às características de uma escola localizada geograficamente no campo apaga elementos fundantes da luta camponesa por essa modalidade de educação. Devemos considerar que a Educação do Campo deve estar atrelada a uma teoria pedagógica emancipatória, considerando que “a materialidade educativa de origem da Educação do Campo está nos processos formadores dos sujeitos coletivos da produção e das lutas sociais do campo” (Caldart, 2008, p. 81).

Reiteramos que a escola do campo não é demarcada apenas pela localização geográfica, mas “[...] se dá também pela identidade dos espaços de reprodução social, portanto, de vida e trabalho, dos sujeitos que acolhe em seus processos educativos, nos diferentes níveis de escolarização ofertados” (Caldart, 2012, p. 329). Portanto, na presente pesquisa foi necessário refletir com os educadores o conceito e os princípios da Educação do Campo para a construção e afirmação da identidade camponesa da comunidade escolar.

ORGANIZAÇÃO DO CÍRCULO FORMATIVO
TOTAL DE ENCONTROS: 2
TOTAL DE HORAS: 8 HORAS
OBJETIVO:
Refletir acerca da Educação do Campo, tecendo considerações dos aspectos que compõem uma escola do campo.
ABRINDO A RODA:
<p>1º momento: Organizar o círculo de diálogo;</p> <p>2º momento: Entregar a letra da música de Edson Gomes “Liberdade” e cantar em coletividade, refletindo acerca da canção;</p> <p>3º momento: Construção de um painel em forma de árvore com a definição em palavras do que tem na escola do campo;</p> <p>4º momento: Leitura compartilhada do texto de Caldart sobre educação do campo e reflexões a partir das problematizações;</p> <p>5º momento: Leitura individual dos artigos do decreto nº 7.352, de 4 de novembro de 2010 com base nas questões problematizadoras, fazendo a reflexão de cada artigo estabelecendo relações entre a compreensão do texto e a realidade;</p> <p>6º momento: Realizar em sala de aula através de uma roda de conversa o levantamento das experiências dos estudantes com o campo no cotidiano, solicitando-os que as expressem em</p>

desenho.		
TEXTO	REFERÊNCIAS	QUESTÕES PROBLEMATIZADORAS
Educação do Campo	CALDART, Roseli Salete. Educação do Campo. In: CALDART, Roseli Salete; PEREIRA, Isabel Brasil; ALENTEJANO, Paulo; FRIGOTTO, Gaudêncio (Orgs.). Dicionário da Educação do Campo . São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012, p. 259-266.	Quais características marcam nosso contexto escolar? (pensando a perspectiva apresentada por Caldart sobre Educação do Campo) Como nossa identidade pode ser construída?
DECRETO Nº 7.352, DE 4 DE NOVEMBRO DE 2010 ³	BRASIL. DECRETO Nº 7.352, DE 4 DE NOVEMBRO DE 2010 . Disponível em: http://portal.mec.gov.br/docman/marco-2012-pdf/10199-8-decreto-7352-de4-de-novembro-de-2010/file . Acesso em: 29 jun. de 2023.	Quais populações do campo encontramos em nossa comunidade? Quais princípios da Educação do Campo encontramos em nossa escola?
LEITURAS COMPLEMENTARES:		
<p>CALDART, Roseli Salete. Sobre Educação do Campo. In: Educação do Campo: campo - políticas públicas - educação. SANTOS, Clarice, Aparecida dos (org). Brasília: Incra, 2008. p.67-87.</p> <p>_____. Concepção de Educação do Campo: um guia de estudo. Formação de formadores. Reflexões sobre as experiências da Licenciatura em Educação do Campo no Brasil. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.</p> <p>_____. Função social das escolas do campo e desafios educacionais do nosso tempo. Texto preparado para Aula inaugural do semestre do curso de Licenciatura em Educação do Campo, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Campus Litoral, v. 9, 2020.</p> <p>_____. Educação do Campo: notas para uma análise de percurso. Trabalho, educação e saúde, v. 7, p. 35-64, 2009.</p>		
VÍDEO COMPLEMENTAR:		
TV FONEC. Educação do Campo e os Sujeitos Coletivos de Direitos . Youtube. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=FqDAaEyBEbs . Acesso em: 29 jun. 2023.		

2. SEGUNDO CÍRCULO DE DIÁLOGO FORMATIVO

O papel da escola do campo na construção de uma identidade étnico-racial positiva

A história da África e dos africanos sempre foi contada, na maioria das vezes, a partir do olhar do colonizador, e esse fato, além de justificar o processo de escravização, contribuiu para a negação da identidade negra. Consideramos aqui que a identidade negra é fruto de uma construção social, plural e cultural e que

³ Esse decreto trata da política de educação do campo e do Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária – PRONERA, explicitando vários aspectos relacionados a ambos.

influencia diretamente a formação do olhar de sujeitos que pertencem a um mesmo grupo étnico/racial sobre si, mesmo na relação com outro (Gomes, 2005).

Nessa perspectiva, Silva (2005) apresenta que a identidade vai ser diretamente influenciada por nossas vivências com os companheiros do nosso grupo étnico de pertencimento. Portanto, é preciso que “[...] todas as formas de preconceito sejam abolidas e que sentimentos de superioridade e de inferioridade sejam superados, que novas formas de pessoas negras e não negras se relacionarem sejam estabelecidas” (Silva, 2005, p. 158).

Acrescentamos que parte dos povos do campo é remanescente de quilombos e precisa conhecer sua história para a construção de uma identidade étnico-racial positiva. Para tanto, foram utilizados texto e vídeo para ampliar os horizontes percebendo que a história contada de África apresenta equívocos e que, atualmente há outros escritos sobre África e precisamos nos apropriar com estes para serem trabalhados em sala de aula.

ORGANIZAÇÃO DO CÍRCULO FORMATIVO		
TOTAL DE ENCONTROS: 2		
TOTAL DE HORAS: 8 HORAS		
OBJETIVO:		
Perceber a escola do Campo como um espaço privilegiado para a construção de uma identidade étnico-racial positiva		
Abrindo a roda:		
<p>1º momento: Organizar o círculo de diálogo para compartilhamento das experiências realizadas em sala de aula após círculo formativo sobre a Educação do Campo;</p> <p>2º momento: Assistir o vídeo “O perigo de uma história única - Chimamanda Adichie”;</p> <p>3º momento: Reflexões sobre o vídeo a partir das questões problematizadoras;</p> <p>4º momento: Leitura do texto “informe-se sobre o racismo” de Djamila Ribeiro;</p> <p>5º momento: Reflexão do texto e construção de síntese coletiva;</p> <p>6º momento: Reproduzir em sala de aula o vídeo de “o perigo de uma história única” e construir um painel com os estudantes de como a história da África e dos africanos foi apresentada no seu percurso escolar.</p>		
TEXTO/ VÍDEO	REFERÊNCIAS	QUESTÕES PROBLEMATIZADORAS
O perigo de uma história única	TORREÃO, Christiano. O perigo de uma história única – Chimamanda Adichie – Dublado em português. Youtube. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=qDovHZVdyVQ . Acesso em: 29 jun. 2023.	Como a escola reforça uma história única? Como a África e os africanos são apresentados nos livros didáticos trabalhados por você em sala? Qual história única você já ouviu sobre a cultura africana e afro-brasileira?
Informe-se sobre o racismo	RIBEIRO, Djamila. Informe se sobre o racismo. In: Pequeno manual antirracista. Companhia das letras, 2019.	Qual o trato que a escola tem dado à história e à cultura de tradição africana?

		<p>Como você aborda em sala de aula a diversidade étnico-racial e cultural?</p> <p>Como nossa escola tem contribuído na luta antirracista?</p>
<p style="text-align: center;">LEITURAS COMPLEMENTARES:</p> <p>GOMES, Nilma Lino. Educação cidadã, etnia e raça: o trato pedagógico da diversidade. <i>In:</i> Cavalleiro, Eliane (Orgs.). Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa escola. São Paulo: Selo negro, 2001. p. 83-96.</p> <p>_____. Corporeidade negra e tensão regulação-emancipação social: corpo negro regulado e corpo negro emancipado. <i>In:</i> O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas poremancipação. Editora Vozes Limitada, 2017,p.93-100.</p>		
<p style="text-align: center;">VÍDEO COMPLEMENTAR:</p> <p>IFÉ, Amílcar. Relações Étnico-Raciais – Prof. Dr. Kabengele Munanga. Youtube. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=7FxJOLf6HCA. Acesso: jun. 2023.</p>		

3. TERCEIRO CÍRCULO FORMATIVO

Um pouco de história da África que não conhecemos e o Campo

Sabemos que historicamente a África foi sempre remetida a um lugar de pobreza, miséria e sem cultura. Essas ideias foram escritas a partir dos povos europeus que colonizaram esse grande continente. Atualmente já existem muitos escritos, feitos por africanos ou não, que já nos apresentam a África em sua totalidade e sem estereótipos, porém essa historiografia ainda é pouco conhecida e a história trabalhada nas escolas na maioria das vezes remete à visão do colonizador.

Isso talvez aconteça pelo fato que “até hoje a grande maioria de historiadores, por facilidade ou não, trabalha somente com esse material. A consequência tem sido uma escrita moldada pelo colonial, informada pela historiografia produzida naquele período” (Batsikama, 2010, p. 17). Dessa forma, temos acesso, muitas vezes, a uma única história da África e, nessa história, “é de notar que o colonizador não-Africano escreveu a História de África com os valores do seu continente, uma vez que não podia renunciar aquilo que ele era” (Batsikama, 2010, p. 32).

Mediante o exposto, percebemos a necessidade de conhecer a história da África e dos africanos a partir de novas fontes. Nesse ínterim, ao dialogar sobre

quais temas eles consideravam importantes para uma formação para ERER, a professora Luísa Mahin (2023) nos diz que: “A questão... A cultura africana mostrando como eram as etnias e os reinos da África antes da chegada do europeu lá [...]” (Luísa Mahin, 2023). Em concordância, o professor Zumbi dos Palmares (2023) considera como tema importante “o (re)estudo sobre o continente africano”.

Para a produção da historiografia atual africana são utilizadas várias fontes, dentre elas, a tradição oral que, segundo Batsikama (2010), não é exclusivamente fonte histórica, mas também é utilizada por outras áreas de conhecimento. Mesmo após muitos estudos com base em manuscritos ou tradição oral, segundo Hernandez (2005), ainda há muita fonte na África, inclusive manuscritos que não foram explorados e isso nos mostra a grandiosidade desse continente e o pouco que ainda conhecemos dele, ao mesmo tempo em que nos instiga a conhecê-lo a partir de fontes que sejam escritas pelos próprios africanos e que divergem da historiografia produzida no período colonial.

Desconhecemos assim a relação entre a África e o Campo, e nesse ínterim, cabe ressaltar que a agricultura foi base também para o Egito antigo, a qual floresceu diante do Rio Nilo, que tornava as terras férteis e agricultáveis. Para Doberstein (2010), lá iniciou a revolução agrícola, sendo que há teorias que apontam o vale do Rio Nilo como berço da agricultura. Além disso, reflexões acerca do filme “O menino que descobriu o vento” possibilitam compreender melhor a relação da África com agricultura, mesmo em meio a muitos desafios.

ORGANIZAÇÃO DO CÍRCULO FORMATIVO
TOTAL DE ENCONTROS: 2
TOTAL DE HORAS: 8 HORAS
OBJETIVO:
Conhecer um pouco da história da África e dos africanos que não foi escrita ou moldada pelo colonizador e sua forte relação com a natureza e a agricultura.
ABRINDO A RODA:
<p>1º momento: Organizar o círculo de diálogo para partilha dos painéis confeccionados em sala de aula após círculo formativo sobre “O papel da escola do campo na construção de uma identidade étnico-racial positiva”;</p> <p>2º momento: Realizar a leitura do conto africano “carne de Língua”;</p> <p>3º momento: Suscitar reflexões do conto Africano ressaltando a tradição oral como fonte histórica e sua relevância para a escrita de uma nova história de África a partir do olhar dos africanos;</p> <p>4º momento: Construção da colcha de retalhos com desenhos sobre o continente Africano e Apresentação do texto “O olhar imperial e a invenção da África de Hernandez (2005), pela mediadora do diálogo”;</p> <p>5º momento: Assistir ao filme “O menino que descobriu o vento/filme completo/dublado”;</p> <p>6º momento: Reflexão acerca do filme;</p> <p>7º momento: Trabalhar com o filme “o menino que descobriu o vento” em sala de aula realizar discussão trabalhando a relação de África com o campo e localização os países do continente africano no mapa interativo.</p>

TEXTO/ VÍDEO	REFERÊNCIAS	QUESTÕES PROBLEMATIZADORAS
O olhar imperial e a invenção da África	HERNANDEZ, Leila Maria Gonçalves Leite. A África na sala de aula visita à história contemporânea. São Paulo: Selo negro, 2005.	A história que você conhecia de África é a apresentada por Hernandez? Quais estratégias podemos utilizar para que a história de África e dos africanos que na maioria das vezes não está no livro didático chegue aos nossos estudantes?
O menino que descobriu o vento	MFZINN. O menino que descobriu o vento/filme completo/dublado. Youtube. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=7VAQRbXKZxl Acesso em: 02 jul. 2023.	Quais aspectos da história da África apresentados no filme você não conhecia? Alguns desses temas abordados no filme já foi trabalhado em sala de aula? Você faz algum paralelo do filme com a nossa realidade?
LEITURAS COMPLEMENTARES:		
<p>DOBERSTEIN, Arnaldo Walter. O Egito pré-dinástico. In: DOBERSTEIN, Arnaldo Walter. (Orgs.) O Egito antigo. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010. p 8-16.</p> <p>_____. Arnaldo Walter. A revolução agrícola. In: DOBERSTEIN, Arnaldo Walter. (Orgs.) O Egito antigo. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010. p 18-24.</p> <p>BATSIKAMA, Patrício Cipriano Mampuya. As origens do Kôngo. In: BATSIKAMA, Patrício Cipriano Mampuya (Orgs.). As origens do reino do Kôngo. 1 ed. Luanda: Mayamba Editora, 2010. p.18-42.</p> <p>STROHER, Marga Janete. Hipácia: A filósofa negra de Alexandria. Coisas do Gênero. São Leopoldo, v.1, n. 1, p. 21-29, jul.-dez. 2015.</p>		
VÍDEO COMPLEMENTAR:		
<p>RAÍZES CONSCIÊNCIA NEGRA. ÁFRICA - DOCUMENTÁRIO. Youtube. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Qn77hvmfFNM. Acesso em: 01 jul. 2023.</p> <p>IFÉ, Amílcar. História da África - Drª. Mônica Lima e Souza, da UFRJ. Youtube. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=wuy5CvRFyBQ. Acesso em: 29 jun. 2023.</p>		

4. QUARTO CÍRCULO FORMATIVO

Desigualdades entre negros e brancos e políticas de reparação das desigualdades na EJA Campo

Historicamente, as desigualdades entre negros e brancos foram construídas, já que “o grau de desigualdade e opressão que marcou aquele encontro inicial, decorrente de desmedida violência colonialista, deixou marcas difíceis de superar” (Brasil, 2015, p. 9). E ainda nos dias atuais vivemos essa desigualdade na saúde,

educação, moradia, entre outras. E essas desigualdades intensificam-se no campo. Segundo o estatuto da igualdade racial, no plano legal inicialmente podemos citar a coibição à discriminação racial e ao racismo. Após esse marco, temos diversas outras políticas de ações de promoção da igualdade em diversas áreas (educação, moradia, saúde etc.) (Brasil, 2015).

A resistência da população negra nas lutas por melhores condições de acesso à educação, saúde e moradia foi o que culminou para as leis que temos hoje, a exemplo do estatuto da igualdade racial, que trata de diversos temas, como a questão da saúde, educação, moradia, trabalho, saneamento básico e tantos outros para a população negra.

Nesse rol de conquistas, podemos citar também a lei do antirracismo, Lei nº 7.716, de 5 de janeiro de 1989, que delibera sobre os crimes resultantes de preconceito de raça; a Lei nº 12.990, de 9 de junho de 2014, que dispõe sobre a reserva de 20% das vagas nos concursos públicos para negros; e a Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012, conhecida como a lei de cotas, que dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e garante a porcentagem de vagas reservadas a pessoas que cursaram o Ensino Médio em escolas públicas, pessoas com renda igual ou inferior a um salário mínimo, pessoas com deficiência e para pessoas negras. Enfatizamos a EJA Campo como modalidade de reparação e equidade social que não pode se esquivar de trabalhar essas leis e políticas de reparação social para que os camponeses pretos e pardos conheçam seus direitos.

ORGANIZAÇÃO DO CÍRCULO FORMATIVO
TOTAL DE ENCONTROS: 2 TOTAL DE HORAS: 8 HORAS
OBJETIVO: Analisar criticamente as desigualdades entre negros e brancos na educação, trabalho e moradia em especial no campo e conhecer marcos legais de garantia de direitos à população negra como o Estatuto da igualdade racial
ABRINDO A RODA: 1º momento: Organizar o círculo para que os docentes dialoguem sobre as vivências em sala de aula após o filme “o menino que descobriu o vento” e localização dos países africanos no mapa interativo; 2º momento: Iniciar com a canção “A carne” de Elza soares e suscitar reflexões acerca da canção voltando a discussão para a desigualdade entre negros e brancos; 3º momento: Construção da nuvem de palavras com os saberes dos professores acerca do estatuto de igualdade racial; 4º momento: Análise de dados do IBGE por cor e raça em trabalho, educação e moradia em detrimento da localização geográfica (Campo e cidade); 5º momento: Leitura e reflexão de algumas partes do Estatuto da igualdade racial com ênfase nos direitos conquistados em educação, trabalho, moradia e outros; 6º momento: Realizar um levantamento dos estudantes em sala de aula através de um questionário no Google Forms sobre autodeclaração dos estudantes e do acesso a bens essenciais sobre saúde moradia e educação e tabular os dados em gráfico e discutir com os estudantes fazendo a relação

entre direitos e raça.		
TEXTO/ VÍDEO	REFERÊNCIAS	QUESTÕES PROBLEMATIZADORAS
Desigualdades sociais por cor ou raça no Brasil	IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Desigualdades sociais por cor ou raça no Brasil. Rio de Janeiro: IBGE, 2019.	O que os dados revelam? Você percebe essa desigualdade no seu cotidiano?
Estatuto da igualdade racial	BRASIL. Estatuto da igualdade racial: Lei nº 12.288, de 20 de julho de 2010 e legislação correlata - 4. ed. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2015.	Você já conhecia o estatuto da igualdade racial? Quais artigos lhe chamaram mais a atenção? Como trabalhar o estatuto da igualdade racial em sala de aula?
LEITURAS COMPLEMENTARES:		
BRASIL. Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012. Disponível em: https://www2.cTereza de Benguela.leg.br/legin/fed/lei/2012/lei-12711-29-agosto-2012-774113-normaatualizada-pl.pdf . Acesso em: 22 jul. 2023.		
VÍDEO COMPLEMENTAR:		
Jornal da Record. Pesquisa do IBGE mostra as desigualdades entre brancos e negros. Youtube. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=-C9M0lcSiXs . Acesso em: 22 jul. 2023.		

5. QUINTO CÍRCULO FORMATIVO

Construção de oficinas sobre EREER na EJA Campo, voltadas para os diferentes componentes curriculares.

Alguns docentes enfatizaram que tinham vontade de ter formação continuada para suas áreas do conhecimento e disciplinas, como, por exemplo, a professora Lélia Gonzalez (2023), que nos diz: “[...] a cultura africana e alguns jogos matemáticos, africanos, que a gente sabe que tem, a gente precisa procurar mais[...]” (Lélia Gonzalez, 2023).

Além disso, o professor Nelson Mandela (2023) ressalta que:

[...] e, puxando o gancho para dentro da minha área de conhecimento, eu ficaria feliz se uma formação tivesse algo de evolução humana, porque o berço da humanidade está em África, então, eu acho que seria bacana, eu me sentiria à vontade, e talvez um pouco de genética humana, porque aí você também tem, por exemplo, questões de doenças associadas com a população negra, então seria mais fácil criar essas pontes (Nelson Mandela, 2023).

Nesse intuito de atender essas demandas dos professores e ampliando para outras disciplinas, optou-se nesse círculo de diálogo formativo por realizar oficinas pedagógicas para subsidiar professores a fim de construir um planejamento para sua disciplina e área do conhecimento, voltado para a Educação das Relações Étnico-Raciais na EJA Campo. Sabe-se que a relação dos africanos com a agricultura é profunda e antiga, desde a formação dos primeiros reinos, e é caracterizada pela agricultura de subsistência e pelo cuidado com a natureza. Por isso, em nossas oficinas não nos afastamos dessa base.

Portanto, em Biologia, fez-se a escolha de trabalhar a genética humana, já que biologicamente não existe raça e quando trabalhamos com esse conceito é de uma abordagem sociológica. Então trabalhar com a genética pode contribuir para os estudantes entenderem que pertencemos a uma mesma espécie e que não há raças inferiores e superiores, e conseqüentemente não existem justificativas para as atrocidades que foram cometidas com a classificação das raças, como o *apartheid*, o holocausto e a escravização dos africanos; tudo isso foi constatado na pesquisa de Araujo Porto (2021). Também a partir desse conceito, é possível perceber que não há inferioridade e superioridade entre as pessoas camponesas e das cidades.

Já na Educação Física é possível trabalhar com danças africanas e também camponesas, a exemplo do samba de roda, pode-se trabalhar com a capoeira também, e explorar os ritmos africanos que são guardados e praticados principalmente pelas comunidades camponesas. O povo africano tinha conhecimento tecnológico e científico em todas as áreas, mas principalmente na agricultura, no manuseio de metais como o ferro, e os professores de todas as áreas podem partir disso, principalmente Biologia e Química, mas esse legado é muitas vezes omitido no ambiente escolar.

Na disciplina de Química pode-se trabalhar a mineração e metais, visto que os africanos têm muito conhecimento acerca desse tema. Além disso, é possível trabalhar elementos químicos e as propriedades metálicas, processo de oxidação, reações químicas, ciclo do ouro no Brasil, separação de misturas envolvidas no processo de mineração (Benite, 2017).

Segundo Andrade (2019), podem-se abordar em Física conceitos baseados na cultura egípcia. Vale ressaltar a importância da agricultura para o crescimento do Egito antigo, sendo que o rio Nilo possibilitava terra fértil. Destacamos também ser possível abordar personalidades negras na Física, “mostrando que o negro faz

ciência e está imbuído na construção científica” (Andrade, 2019, p. 82) e, pensando a EJA Campo, podem-se abordar as fases da lua e das marés, que são conhecimentos ancestrais dos africanos que se reverberam nas comunidades marisqueiras, que vivem da pesca e essas comunidades são consideradas povos do campo, conforme o Decreto nº 7.352, de 4 de novembro de 2010.

Pensando uma filosofia na perspectiva Africana, Machado (2014) nos diz que “tal filosofia é permeada pela ancestralidade africana e tem como preocupação fundamental o indivíduo, a natureza e também a comunidade — uma não existe sem a outra [...]” (p. 2). A filosofia africana valoriza a natureza, a terra e a agricultura sustentável. Dessa forma, podemos ressaltar o berço da Filosofia na África. Por isso, é importante refletir novas formas de conhecimento produzidas a partir da oralidade.

Em relação aos jogos africanos, podemos utilizar Shisima e o Yoté, trabalhando a etnomatemática, que reconhece que os diversos grupos étnico-raciais têm sua maneira de produzir matemática. Entretanto, ainda temos uma matemática eurocentrada. Porém, a etnomatemática está em estreito diálogo com a Educação do Campo, já que aborda os diversos grupos culturais levando em consideração a cultura do campo, mas os jogos africanos que dialogam com a Educação do Campo são: “Aiú, Morabaraba, Zamma Dhamet, Fanorona, Seega, Butterfly, Tsolo yematatu, Kharbaga, Ouri, Owore, Owari, Guilhi, Palankuli, Wari, Serata e Mancala Kalah” (Porto; Almeida; Chagas, 2023, p. 10).

ORGANIZAÇÃO DO CÍRCULO FORMATIVO			
TOTAL DE ENCONTROS: 2			
TOTAL DE HORAS: 8 HORAS			
OBJETIVO:			
Oportunizar aos professores um espaço de reflexão e planejamento de ações e atividades pedagógicas voltadas à educação das relações étnico-raciais na EJA Campo a partir de oficinas.			
ABRINDO A RODA:			
1º momento: Organizar o círculo de diálogo para devolutiva da pesquisa realizada em sala de aula sobre “Desigualdades entre negros e brancos e políticas de reparação das desigualdades na EJA Campo”;			
2º momento: Debater o tema do círculo formativo, destacando elementos que não podem faltar no plano de aula sobre EJA Campo;			
3º momento: Realização da leitura compartilhada dos textos;			
4º momento: Construção de um plano de aula voltado à Educação das Relações Étnico-Raciais na EJA Campo de acordo com cada componente escolar a ser aplicado em sala de aula.			
TEXTO/ VÍDEO	REFERÊNCIAS	QUESTÕES PROBLEMATIZADORAS	DISCIPLINA
Aprendizagem e Ensino das Africanidades	SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. Aprendizagem e Ensino das Africanidades Brasileiras. In: BRASIL. Superando o Racismo na	Como posso trabalhar a literatura na perspectiva das relações étnico raciais na EJA Campo?	LÍNGUA PORTUGUESA
		Como abordar ritmos como	EDUCAÇÃO

	<p>escola. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005, p. 155-172.</p>	samba de roda e capoeira nas aulas de educação física?	FÍSICA
		Como trabalhar os conteúdos de artes numa perspectiva africana e camponesa?	ARTES
		Como abordar discussões da ERER e do campo nas aulas de Inglês?	INGLÊS
		Como abordar a sociedade brasileira, a partir de estudos sobre a problemática que envolve o povo negro?	SOCIOLOGIA
		Quais possibilidades de aulas encontramos no trabalho da história da África em sua relação com a agricultura?	HISTÓRIA
		Como abordar a geografia dos marginalizados de Milton Santos em sala de aula?	GEOGRAFIA
Filosofia africana para descolonizar olhares: perspectivas para o ensino das relações étnico-raciais	MACHADO, Adilbênia Freire. Filosofia africana para descolonizar olhares: perspectivas para o ensino das relações étnico-raciais. Revista de Educação, Ciência e Tecnologia , v. 3, n. 1, 2014.	Como proporcionar aulas de filosofia numa perspectiva antirracista e camponesa?	FILOSOFIA
Desconstruindo o racismo sob o olhar da genética	PORTO, Bárbara Abranches de Araujo; LAGE, Regina Coeli Gonçalves; Costa, Flavia Lage Pessoa da. Desconstruindo o racismo sob o olhar da genética. Genética na Escola , v. 16, n. 1, p. 82-93, 2021.	Como o ensino de genética pode colaborar para uma educação antirracista?	BIOLOGIA
Ensino de Química e a Ciência de matriz africana: uma discussão sobre as propriedades metálicas	BENITE, Anna Maria Canavarro; BASTOS, Morgana Abranches; CAMARGO, Marysson J. R.; VARGAS, Regina N.; LIMA, Geisa L. M.; BENITE, Claudio R.M. Ensino de Química e a Ciência de matriz africana: uma discussão sobre as propriedades metálicas. Química e Sociedade , v.39, n.2, 2017.	Qual a relação das propriedades metálicas com a educação das relações étnico raciais e o campo?	QUÍMICA
Sequência Didática: Fases da Lua e suas relações com as marés	BASTOS, P.M.S. Sequência Didática: Fases da Lua e suas relações com as marés. Universidade Estadual de Feira de	Como o trabalho com a lua e suas relações com as marés contribui para ERER na EJA Campo?	FÍSICA

	Santana. (Dissertação). Pós Graduação em Ensino de Física. Feira de Santana-BA, 2019.		
Uso do jogo mancala kalah no ensino de matemática: contribuições para o desenvolvimento do raciocínio lógico de estudantes do 7º ano de uma escola do campo.	PORTO, Klayton Santana; ALMEIDA, Patrícia das Virgens; CHAGAS, Rita de Cácia Santos. Uso do jogo mancala kalah no ensino de matemática: contribuições para o desenvolvimento do raciocínio lógico de estudantes do 7º ano de uma escola do campo. Revista Eletrônica de Educação Matemática , p. 1-23, 2023.	Como podemos inserir o jogo mancala kalah nas aulas de matemática?	MATEMÁTICA
LEITURAS COMPLEMENTARES:			
SANTANA NETO, Francisco Tomaz de; SOUZA, Maria Nathália Barros de; ALENCAR, Alexsandro Coelho. JOGOS AFRICANOS: UMA FERRAMENTA PARA O PROFESSOR DE MATEMÁTICA. Anais... VI JOIN , 2019.			
RIBEIRO, Djamila. Pequeno manual antirracista . São Paulo: Companhia das letras, 2019.			
VÍDEO COMPLEMENTAR:			
Univesp. Estudos de Literatura em Língua Portuguesa - Literatura e relações étnico-raciais . Youtube. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=OsSB3FFT390 . Acesso em: 13 ago. 2023.			
Rede de Professores Antirracistas. O ensino de inglês e as relações étnico raciais . Youtube. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=U7LApKvb1qU . Acesso em: 13 ago. 2023.			
Casa Fiat de Cultura. Formação de Professores Artes Visuais e Educação das Relações Étnico-Raciais – 1 . Youtube. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=bY6tbmV0cZ0 . Acesso em: 13 ago 2023.			
PROFQUI UESB. A Importância das Relações Étnico-Raciais para o Ensino de Química . Youtube. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=M6FlwdYRgDM . Acesso em: 13 ago. 2023.			
Celula UFC. Mancala - Kalah Como Jogar . Youtube. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=DT5rOzHFH7E . Acesso em: 13 ago. 2023.			

REFERÊNCIAS

ANDRADE, R.S. **O Ensino de Física e a Lei 10.639/03**: possibilidade da educação para a diversidade étnico-racial. Dissertação (Mestrado Nacional Profissional em Ensino de Física) Instituto Federal do Espírito Santo, Cariacica 2019.

BASTOS, P.M.S. **Sequência Didática**: Fases da Lua e suas relações com as marés. Produto Educacional- Universidade Estadual de Feira de Santana. Feira de Santana, 2019.

BATSIKAMA, Patrício Cipriano Mampuya. As origens do Kôngo. In: BATSIKAMA, Patrício Cipriano Mampuya (Orgs.). **As origens do reino do Kôngo**. 1 ed. Luanda: Mayamba Editora, 2010. p.18-42.

BENITE, Anna Maria Canavarro et al. Ensino de Química e a Ciência de matriz africana: uma discussão sobre as propriedades metálicas. **Química e Sociedade**, v.39, n. 2, 2017.

BRASIL. **DECRETO Nº 7.352, DE 4 DE NOVEMBRO DE 2010**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/docman/marco-2012-pdf/10199-8-decreto-7352-de4-de-novembro-de-2010/file>. Acesso em: 29 jun. 2023

BRASIL. **Estatuto da igualdade racial**: Lei nº 12.288, de 20 de julho de 2010 e legislação correlata - 4. ed. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2015.

BRASIL. **Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012**. Disponível em: <https://www2.cTereza de Benguela.leg.br/legin/fed/lei/2012/lei-12711-29-agosto-2012-774113-normaatualizada-pl.pdf>. Acesso em 22 jul. 2023.

CALDART, Roseli Salete. Sobre Educação do Campo. In: **Educação do Campo**: campo - políticas públicas - educação. SANTOS, Clarice, Aparecida dos (org). Brasília: Incra, 2008. p.67-87.

_____. Educação do Campo: notas para uma análise de percurso. **Trabalho, educação e saúde**, v. 7, p. 35-64, 2009.

_____. Roseli Salete. Educação do Campo. In: **Dicionário da Educação do Campo**. Caldart, Roseli Salete *et al.* (Orgs.). Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012, 259-266

_____. Concepção de Educação do Campo: um guia de estudo. Formação de formadores. Reflexões sobre as experiências da Licenciatura em Educação do Campo no Brasil. Belo Horizonte: **Autêntica**, p. 55-76, 2019.

_____. Função social das escolas do campo e desafios educacionais do nosso tempo. **Texto preparado para Aula inaugural do semestre do curso de Licenciatura em Educação do Campo**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Campus Litoral, v. 9, 2020.

CENTRO de Documentação Dom Tomás Baldino. **Conflitos no Campo: Brasil 2022**. Goiânia: CPT Nacional, 2023

PORTO, Bárbara Abranches de Araujo; LAGE, Regina Coeli Gonçalves; Costa, Flavia Lage Pessoa da. Desconstruindo o racismo sob o olhar da genética. **Genética na Escola**, v. 16, n. 1, p. 82-93, 2021.

SANTANA NETO, Francisco Tomaz de; SOUZA, Maria Nathália Barros de; ALENCAR, Alexsandro Coelho. **Jogos africanos: uma ferramenta para o professor de matemática**. In: Encontro Internacional de Jovens Investigadores. IV JOIN, Fortaleza, 2020.

DOBERSTEIN, Arnaldo Walter. O Egito pré-dinástico. In: DOBERSTEIN, Arnaldo Walter. (Orgs.) **O Egito antigo**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010. p 8-16.

_____. Arnaldo Walter. A revolução agrícola. In: DOBERSTEIN, Arnaldo Walter. (Orgs.) **O Egito antigo**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010. p 18-24.

FERNANDES, Bernardo Mançano; CERIOLI, Paulo Ricardo; CALDART, Roseli Salete. “Primeira Conferência Nacional ‘Por uma educação básica do campo’: texto preparatório”. In: SANTOS, Clarice Aparecida dos *et al.*(orgs.). **Dossiê Educação do Campo: documentos 1998-2018**. Editora Universidade de Brasília, 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2011

GOMES, Nilma Lino. Educação cidadã, etnia e raça: o trato pedagógico da diversidade. In: CAVALLEIRO, Eliane. **Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa escola**. São Paulo: Selo negro, 2001, p.83-96.

_____. Educação e Relações Raciais: Refletindo sobre Algumas Estratégias de atuação. In: Brasil. **Superando o Racismo na escola**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. p. 143-154.

_____. Educação de Jovens e Adultos e questão racial: algumas reflexões iniciais. In: SOARES, Leônico; CASTRO, Maria Amélia Gomes de; GIOVANETTI, Nilma Lino Gomes (orgs). **Diálogos na Educação de Jovens e Adultos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011, p.87-104.

_____. Relações étnico-raciais, educação e descolonização dos currículos. **Currículo Sem Fronteiras**, v. 12, n. 1, p. 98-109, 2012.

_____. Corporeidade negra e tensão regulação-emancipação social: corpo negro regulado e corpo negro emancipado. In: **O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação**. Editora Vozes Limitada, 2017, p.93-100.

HERNANDEZ, Leila Maria Gonçalves Leite. **A África na sala de aula visita à história contemporânea**. São Paulo: Selo negro, 2005.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA.
Desigualdades sociais por cor ou raça no Brasil. Rio de Janeiro: IBGE, 2019.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo:** diário de uma favelada. 10. ed. São Paulo: Ática, 2014.

MACHADO, Adilbênia Freire. Filosofia africana para descolonizar olhares: perspectivas para o ensino das relações étnico-raciais. **Revista de Educação, Ciência e Tecnologia**, v. 3, n. 1, 2014.

NÓVOA, António. Devolver a formação de professores aos professores. **Cadernos de Pesquisa em Educação**, p. 11-11, 2012

PORTO, Klayton Santana; ALMEIDA, Patrícia das Virgens; CHAGAS, Rita de Cácia Santos. Uso do jogo mancala kalah no ensino de matemática: contribuições para o desenvolvimento do raciocínio lógico de estudantes do 7º ano de uma escola do campo. **Revista Eletrônica de Educação Matemática**, p. 1-23, 2023.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista.** Companhia das letras, 2019.

ROMÃO, José Eustáquio *et al.* Círculo epistemológico: círculo de cultura como metodologia de pesquisa. **Educação e Linguagem, São Bernardo do Campo**, v. 9, p. 173-195, 2006.

SARAIVA, José Flávio Sombra. **A África no século XXI: um ensaio acadêmico.** Brasília: FUNAG, 2015.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. Aprendizagem e Ensino das Africanidades Brasileiras. *In:* BRASIL. **Superando o Racismo na escola.** Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005, p. 155-172.

STEDILE, João Pedro. Reforma agrária. *In:* **Dicionário da Educação do Campo.** Caldart, Roseli Salete *et al.* (Orgs.). Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012, p.659-668

STROHER, Marga Janete. Hipácia: A filósofa negra de Alexandria. **Coisas do Gênero**, v.1 n. 1 | p. 21-29 | jul.-dez. 2015.